

# “KAHOUHANETEMATE”

果報は寝て待て

*em Tokyo, no atelier de **Shinichi Ogawa** – a minha experiência no Japão* (2013-2014)



“Dear João,

*We think that your sense and skill are fit for our studio. We are open and like to receive you in Tokyo.*

*Thank you, regards,*

*Yoko Okegawa, staff of Shinichi Ogawa office.”*

Assim começou a minha ‘aventura’ por terras nipónicas. Repentinamente.

Sem qualquer plano ou estratégia prévia, decido escrever um e-mail para o atelier do conhecido arquitecto japonês Shinichi Ogawa, pela grande admiração que tinha pelo seu trabalho. Envio o meu portefólio, e pergunto se existe a possibilidade de colaborar no seu escritório.

Respondem-me de imediato, na madrugada seguinte.

A ideia de partir sozinho para um mundo tão diferente do nosso, enfrentando uma cultura tão longínqua e exótica, não esbate o entusiasmo resultante da oportunidade de entrar naquele atelier. Pelo contrário, tudo se parece conjugar num súbito e inesperado desafio à minha própria pessoa. Ainda sem saber se tinha possibilidades reais de ir viver para o Japão, a minha cabeça parte antes de mim.

Ao longo da minha evolução como arquitecto, fui aprendendo a admirar os ambientes e cenários do ideário japonês, assim como os fundamentos e a estética da arquitectura tradicional japonesa. O chão em ‘*tatami*’, as portas de correr ‘*shoji*’, a fluidez total dos espaços, a relação franca com a natureza e o exterior, a luz... ou mesmo a sombra, já tão ‘elogiada’ por Tanizaki no início do século XX (“*O Elogio da Sombra*”, Junichiro Tanizaki, 1933).

Sempre me interessaram também os muitos pontos que a arquitectura japonesa e portuguesa contemporânea têm em comum, facto que pude vir a constatar ainda com mais clareza durante a minha estadia no Japão.

Com uma linguagem marcada e assumidamente minimal, a obra do arquitecto Shinichi Ogawa transporta para a contemporaneidade dos nossos dias os princípios fundamentais que, desde os seus primórdios e pelas suas características (sempre) tão vincadamente modernas e inovadoras, a arquitectura tradicional japonesa ensinou a tantos mestres ao longo da história, nomeadamente a Frank Lloyd Wright, que sempre a referenciou como uma das suas mais importantes influências.

De volumes depurados e (quase sempre) brancos, na obra de Shinichi Ogawa transparece a simplicidade do desenho, a atenção máxima ao detalhe, a sobriedade dos ambientes e materiais, e o manuseio cuidado da luz, aspectos com que me identificava de uma maneira profunda.

Sem tempo para grandes preparações, e depois de alugar um quarto (mínimo) pela internet, parto para o Japão, parto para Tokyo... parto, ainda sem plena consciência do que me espera, para um enorme desconhecido.

---

*Por muito que nos preparemos antecipadamente, o choque cultural é de um impacto fortíssimo.*

*A sensação de deslocamento, estranheza e confusão é inevitável e constante.*

*Estamos constantemente perdidos, e encontramos-nos constantemente.*

*No fim, o recordar com alegria momentos difíceis, o meu período mais enriquecedor, e a certeza de que tudo valeu a pena.*

*Hoje, o sentimento de um ‘antes e depois do Japão’.*

*O relato do meu ano como arquitecto (e como português) em Tokyo.*

---

CAPA

*Eu, ao fundo, sentado, durante a visita do atelier à sua última obra concluída, a casa “Florist Studio” em Mie, Nagoya, Japão.*

*(Maio 2014)*



## “Amae” 甘え



Em cima, a frenética e multicultural zona de Shibuya (Setembro 2013).

Em baixo, o leite existente numa loja de conveniência (Outubro 2013).

É difícil registar os primeiros tempos sozinho no Japão.

As escassas sinaléticas em inglês pressagiam uma adaptação penosa.

O sentimento de desencontro com tudo o que se passa à nossa volta é profundo e constante.

O tão esperado choque cultural a que estava prestes a assistir anunciava-se, assim, bem longe da minha imaginação, e de tudo o que podia antecipar.

A cidade, apesar do seu palpitante e ‘magnético’ ritmo, é de muito difícil apreensão.

Não existe um centro, como estamos habituados na Europa – muito menos um ‘centro histórico’.

Vários núcleos principais, totalmente heterogêneos uns dos outros, dispõem-se em diferentes malhas urbanas resultantes das permanentes reconstruções que a cidade sofreu, depois de 2 grandes terremotos e dos bombardeamentos de guerra. Os grandes bairros de Tokyo surgem aninhados por intermináveis ruelas residenciais que verdadeiramente unem a cidade. Os edifícios, esses, são todos diferentes, tanto no estilo como na sua composição. O (muito) ‘velho’ e o (muito) ‘novo’ confraternizam juntos, em harmonia, sem qualquer tipo de artificialidade ou desrespeito.

Apesar de caro e algo confuso, o metro, de linhas infindáveis e estações gigantescas, é a primeira e melhor ajuda – não me esqueço da frenética estação de Shibuya, onde morava, e a de Shinjuku, onde trabalhava, a maior do mundo, com cerca de 227 saídas para a rua.

O ter partido pela possibilidade de um enriquecimento profissional, mas também pessoal, ameaça esbarrar no desafio contínuo que, nos primeiros tempos, parece ser impossível de atingir em estado pleno: a aprendizagem e apreensão da tão particular cultura japonesa. Parece existir algo íntimo, quase indecifrável, aos japoneses, à sua língua e costumes, aos seus modos de vida e de trabalho, à sua comida... a tudo o que vamos e procuramos ir entendendo, que se torna impossível de acompanhar.

As palavras que vamos aprendendo e colecionando, as expressões japonesas, não se traduzem directamente. Têm um significado muito especial, e o seu verdadeiro entendimento só se alcança – se é que alguma vez se alcança – depois de alguma vivência e de se experienciarem repetidamente diversas situações do dia-a-dia. Cada nome tem um significado. E os pais nomeiam os seus filhos tendo por base esse mesmo significado. Cada letra, cada caractere, tem um significado. E diferentes maneiras de o escrever, cada uma com o seu próprio significado. Assim, uma só mesma palavra pode ter inúmeros significados.

O processo de adaptação é, como tal, bastante lento e espaçado, e nunca tem um verdadeiro fim.

Encontra-se em permanente execução.

O rápido começo da minha experiência no atelier de Ogawa foi um ponto de charneira, uma espécie de ‘bóia de salvação’ que veio equilibrar todo este processo, apesar de uma das primeiras frases com que, depois de grande esforço e dificuldade, me presenteiam no primeiro dia:

*“Like most of Japanese, we don’t have good skill of English, so you may feel difficult.”*

No entanto, começa logo aí a minha descoberta do verdadeiro Japão. E do habitual fascínio que um ocidental tem pelo Oriente, começa a surgir o meu encantamento pelo Japão, e pelos japoneses...:

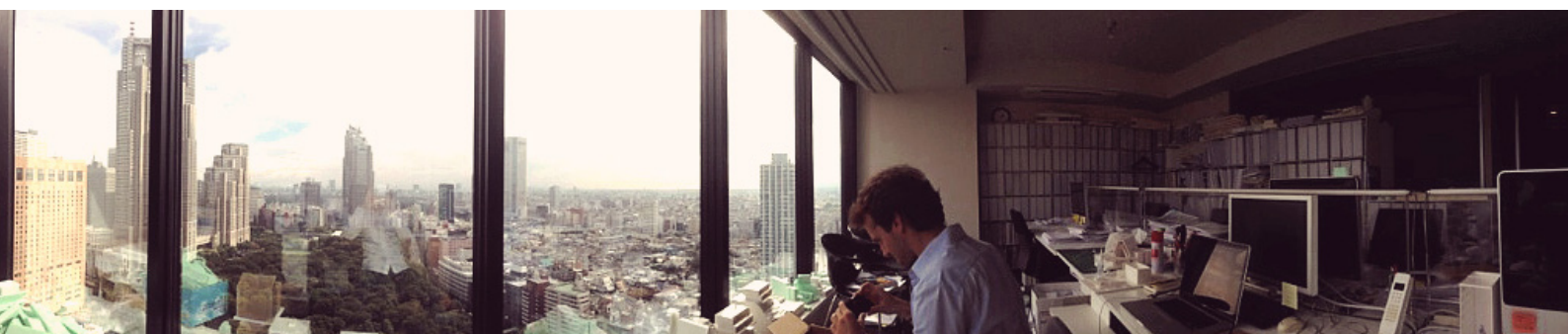
*“But don’t worry, because Japanese is ‘Amae’.”*

Grande parte dos japoneses, ao tentarem expor a um estrangeiro a sua cultura de uma forma rápida e sumária, recorrem invariavelmente à palavra “Amae”, que procura sintetizar a sua linha de conduta tão própria e fundamental. “Amae” significa ‘depende da, ou presumir a benevolência do outro.’

Porque, apesar de tudo, existe no Japão uma premissa que minimiza qualquer barreira cultural e linguística: o profundo respeito pelo outro.



## “OTSUKARESAMA” お疲れ様



Em cima, a “Horizon House” de Shinichi Ogawa, em Atami, Japão.

No meio, eu no atelier de Shinichi Ogawa, situado na Central Park Tower “La Tour”, em Shinjuku (Outubro 2013).

Em baixo, a vista desde o atelier, ao entardecer (Shinjuku Central Park “Tochomae”, Outubro 2013).

Sou recebido no atelier com simpáticas vénias, e (com gestos) pedem-me que retire os sapatos e os deixe à entrada. Tratam-me, no início, por “Jôá-san”, e pouco tempo depois apenas por “Jôá”.

De facto, a comunicação aparentava ser extremamente difícil. Pensei que seria simples comunicar em inglês. Afinal, tanto no atelier como na cidade em geral, era praticamente impossível. Porém, a linguagem básica da arquitectura é, de certa forma, quase universal. Por outro lado, a minha grande identificação pessoal com o trabalho do arquitecto Shinichi Ogawa permite-me intuir de forma mais célere a sua abordagem projectual.

A arquitectura de Ogawa assenta numa grande máxima que está constantemente a proferir: “*Minimal is maximal.*” Um tanto ou quanto ‘miesiana’, tanto no aspecto discursivo como no formal, esta máxima alicerça-se em dois princípios fundamentais. O primeiro reside no desenho do espaço neutro, racional, quase abstracto. Ogawa acredita que este tipo de espaço permite não limitar a forma como os seus utilizadores a vivem, apresentando total adaptabilidade para, assim, poder ‘aceitar’ realidades e modos de vida tão mutáveis e contrastantes como são os das diferentes pessoas que as podem vir a utilizar. O segundo reside no ‘desenho invisível’, ou ‘detalhe invisível’. Todos os elementos arquitectónicos, sejam paredes, estrutura ou caixilharias, são desenhados da forma mais simples e minimal possível, de forma a que não surjam quaisquer linhas desnecessárias no espaço. Através deste segundo princípio, Ogawa procura concretizar a neutralidade e pureza espacial do primeiro princípio basilar.

Se existe algo de oriental ou japonês no seu trabalho, será talvez o vazio da sua arquitectura (neutra), e a importância que dá aos elementos naturais na composição total das suas obras, duas características tão presentes nas casas tradicionais japonesas. Assim, a luz do sol, o céu, o verde exterior, o vento e a chuva, trazem consigo para o espaço interior a vivência de cada estação de uma forma intensa mas subtil. Este pode, assim, mudar infinitamente, transformando e diluindo continuamente as fronteiras entre as várias divisões e entre o interior e o exterior.

Espanta-me, em todos no atelier, a perseverante busca pela perfeição em tudo o que fazem. No entanto, para os japoneses a perfeição é algo inatingível, explicam-me. Embora aparentemente paradoxal, esta visão traduz a sua incessante e fatigante procura pelo que é ideal, por aquilo que é mais belo e harmonioso, por aquilo que, ainda que ‘quase-perfeito’, pode, até certo ponto, ser sempre aprimorado.

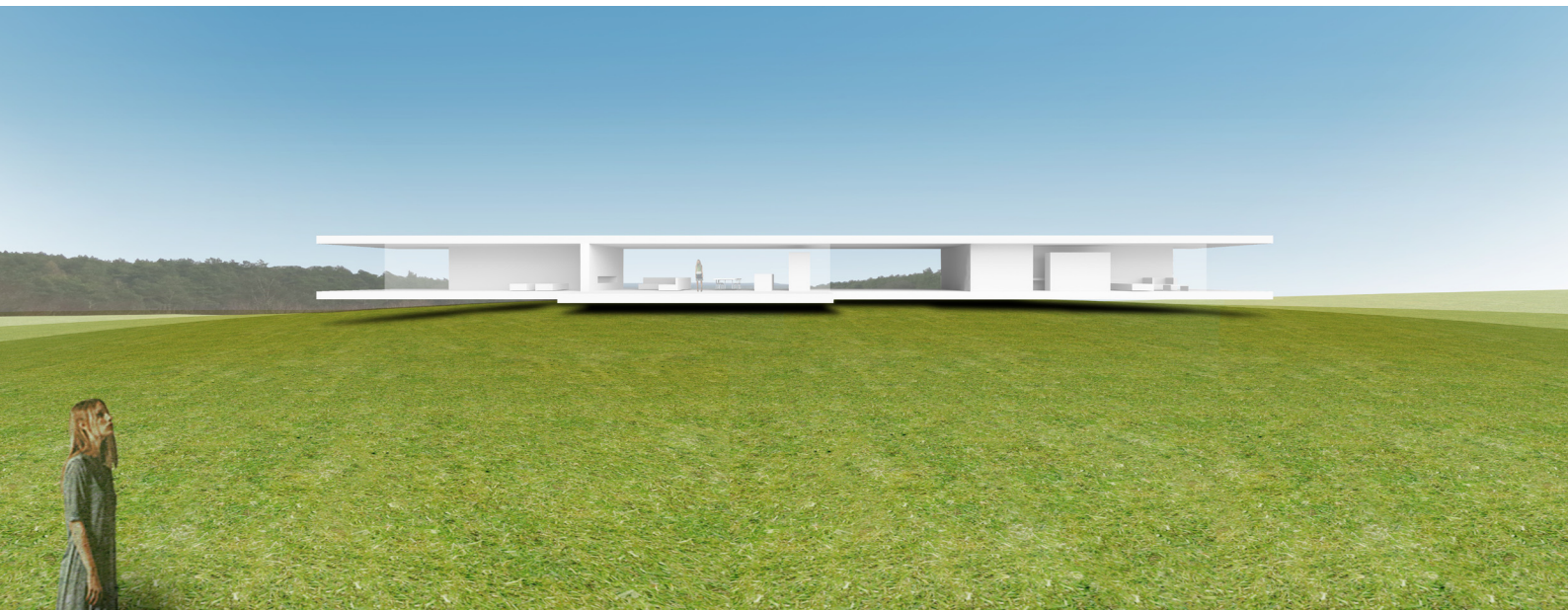
Sempre que, da minha parte, e numa qualquer tarefa, existem dúvidas que são mais intrínsecas à cultura japonesa e que, por isso, são de mais complicada explicação, respondem-me laconicamente: “*Japanese manner.*” “*Japanese way.*” As diferenças culturais não são, de facto, ténues, e a primeira grande ‘surpresa’ de que me recorde é esta: todas as habitações em que trabalho apresentam, no quarto de casal, duas camas individuais separadas, o que deu, naturalmente, azo a algum espanto e, num segundo momento, a amigável ‘controvérsia’ e a muita partilha e ‘debate cultural’.

Porém, as minhas primeiras impressões mais profundas são relativas ao seu tremendo culto pelo trabalho, e às horas de expediente. Os japoneses trabalham, de facto, durante muitas horas. Domingo é o único dia livre no atelier. No Japão, o trabalho é sinónimo de prazer e não de obrigação. Acreditam, de um modo geral, que para além da sua conduta diária, será o trabalho – e o seu empenho no mesmo – que os levará ao ‘paraíso’. Exemplo perfeito disso mesmo são as despedidas e saudações diárias. Estas não são feitas com um ‘até amanhã’ ou com uma ‘boa noite’, mas antes com uma expressão que, para minha grande admiração, não só é usada no meio profissional, como também é comumente utilizada no meio social: “*Otsukaresama*”.

A expressão significa, basicamente, ‘obrigado pelo teu bom trabalho’, ‘obrigado pelo trabalho que nos pudeste dispensar hoje.’ “*Otsukaresama.*”



## “SHIGOTO” 仕事



Em cima, um dos projectos que pude desenvolver de raiz: uma casa em Stara Wiśń, na Polónia (“Kwiecinski Residence”, Maio 2014).

Em baixo, com os meus amigos (e alguns colegas de atelier) japoneses (Junho 2014).

No Japão, o trabalho – “*shigoto*” – é quase sagrado, sendo visto como um dos compromissos mais sérios da existência humana.

A minha experiência no atelier desenvolveu-se de forma progressiva e cadenciada.

Começo por trabalhar no projecto de uma casa em Fukuoka, na extremidade Oeste do Japão.

As habitações unifamiliares representam a maior parte do trabalho do atelier, e o principal foco experimental de Shinichi Ogawa.

As diferenças óbvias entre mim e os restantes arquitectos do atelier, todos japoneses, aproximam-nos, ao invés de nos afastarem. Ainda que, para mim, tenha sido algo inesperado, sou (à boa maneira japonesa) muito bem recebido, orientado, e todos procuram ultrapassar ao máximo as suas dificuldades de comunicação: eles, esforçando-se por se fazerem entender em inglês, e eu, querendo aprender a exigente língua japonesa. Com o desenrolar do tempo, e de uma forma muito natural e bem mais rápida do que imaginava, estreitam-se as relações entre mim e a restante equipa.

Posteriormente, e com o intuito de tornar a minha experiência o mais ampla possível, sou envolvido no projecto de 2 capelas, num centro de congressos e num concurso internacional de um ‘porto de entrada’ para Taiwan.

Desde o início que sou incluído nas reuniões do atelier e, ainda que nos primeiros tempos a minha compreensão de tudo o que passava ou discutia fosse diminuta, sempre me pediam opinião.

Levam-me a obras do atelier em construção e a outras já concluídas.

Incluem-me em tudo, e levam-me a todo o lado – compreendo, passado algum tempo, também com o intuito de ‘orgulhosamente’ mostrarem o elemento (tão) diferente que agora fazia parte da sua equipa.

Prossigo envolvido em cada vez mais projectos de moradias, e com tarefas cada vez mais distintas e aprofundadas, que foram desde a elaboração de maquetes finais e de estudo, à execução de *renders* 3D e fotomontagens realistas, e à elaboração de desenhos das mais variadas fases de projecto e de construção.

O meu cumprimento rigoroso das tarefas e horário do atelier faz com que Ogawa me dê a oportunidade de, com ele, poder desenvolver de raiz um novo projecto de uma casa para um casal que vivia em Hiroshima. O projecto acaba por não ir adiante, por motivos orçamentais. No entanto, o trabalho corre bem e o arquitecto aprecia o meu empenho, pelo que volta a dar-me nova chance, numa outra casa em Saitama, e outra, para uma casa na Polónia.

Ogawa passava metade da semana em Tokyo, e a outra metade em Hiroshima, noutra sede do atelier. Trabalhávamos, por isso, em conjunto metade da semana, e à distância na outra metade. Nessas fases, eu tinha que, no fim de cada dia de trabalho, à noite, enviar por mail ou fax os avanços de cada projecto.

Recordo as suas ideias, (sempre) muito claras, e isso reflectia-se no desenho. O seu método, um ritual extremamente metódico e simples, que se repetia incansavelmente. Primeiro, várias maquetes de estudo, quase sempre com volumes muito simples e depurados. Depois, começavam os esboços e os desenhos, até se chegar ao desejado resultado final. A (já referida) busca pela perfeição – ou pela ‘quase-perfeição’ – era o lema em todos os projectos e estendia-se no estudo de pequenos pormenores, às vezes, por várias semanas, até essa ser finalmente alcançada.

As oportunidades que tive de, nestes momentos, trabalhar em estreita proximidade com o arquitecto Ogawa, desenhando, desenvolvendo, analisando e discutindo de raiz alguns dos seus novos projectos, foram os períodos mais empolgantes e enriquecedores do ponto de vista profissional.



## “MA” 間



Em cima, a “Loft House” de Shinichi Ogawa, em Nagoya, Japão.

Em baixo, o ‘vazio’, o ‘intervalo’, o “Ma” da sala de jantar da casa “Florist Studio” em Mie, Nagoya, Japão (Maio 2014).

Tudo o que vou aprendendo no atelier parece extravasar o mero mundo da arquitectura e da construção. Tudo parece estar intimamente interligado com a cultura japonesa, e com o seu modo de pensar e de agir.

O mais perfeito exemplo disso foi a descoberta do “Ma”.

O “Ma” é um dos conceitos fundamentais da estética japonesa, mas mais do que isso, é (quase) uma visão do mundo.

A sua tradução mais directa significa, simplesmente, ‘espaço’. Mas o emprego, em japonês, de “Ma”, sugere fundamentalmente um ‘intervalo’, uma ‘pausa’, um ‘espaço entre 2 partes’.

Numa explicação simplista, quase que podemos comparar o “Ma” japonês ao que na arquitectura ocidental comumente se denomina de ‘vazio’, ‘espaço vazio’, ou ‘espaço negativo’. Porém, a concepção e a beleza do espaço vazio (“*yohaku no bi*”) é algo mais específico, e o conceito japonês de “Ma” vai muito para além disso, e não é de fácil apreensão.

Segundo os japoneses, o “Ma” apreende-se através de uma consciência apurada do espaço ou do lugar, não somente na sua dimensão tridimensional, mas através de uma consciência simultaneamente empírica e sensorial da forma (o que existe), e da não-forma (o que não existe, ou o que sobra do que existe). Não é algo que é criado pela composição (ou adição) de quaisquer elementos arquitectónicos. É justamente o que ‘não está lá’, dando, assim, forma ‘ao que está’. O “Ma” japonês dá forma ao todo, conformando o espaço de forma inversa: o ‘vazio’, o ‘intervalo’, o espaço empírico e sensorial que ‘não está lá’ é o actor principal, e é tremendamente mais importante que tudo aquilo que os nossos olhos são capazes de, fisicamente, ver.

O “Ma” apresenta-se, assim, como um conceito fundamental da arquitectura japonesa desde os seus tempos primordiais, sendo este que verdadeiramente transforma a experiência arquitectónica e, finalmente, atesta a sua qualidade.

Mas este conceito transborda enormemente a prática da arquitectura.

Também nas artes, como na literatura, na poesia, na pintura e na escultura, no “*ikebana*” (arranjos florais japoneses), na música ou mesmo na representação, o “Ma” é primordial. Nas pausas entre as palavras. Nas ausências e nos silêncios que, mais uma vez, são tão ou mais importantes que as próprias palavras. Nos pequenos intervalos existentes entre cada nota musical, que dão forma e cadenciam o ritmo desejado da composição.

Mas mais do que isso, todo o japonês comum é familiar com o “Ma”, uma vez que este é extremamente importante nas relações entre as pessoas e no comportamento social em geral.

Os silêncios entre cada frase demonstram respeito. Por um lado, pelo o que o outro está a dizer, e por outro, para marcar e carregar o significado do que se disse. Ao contrário do que sucede no comportamento ocidental, no Japão as pausas não são ‘desconfortáveis’ nem sinónimo de ‘mal-estar’. As pausas são deliberadas, e pretendem também revelar o prazer que se está a ter em determinado momento, em marcá-lo, respeitá-lo e usufruí-lo, de uma forma despretensiosa e natural.

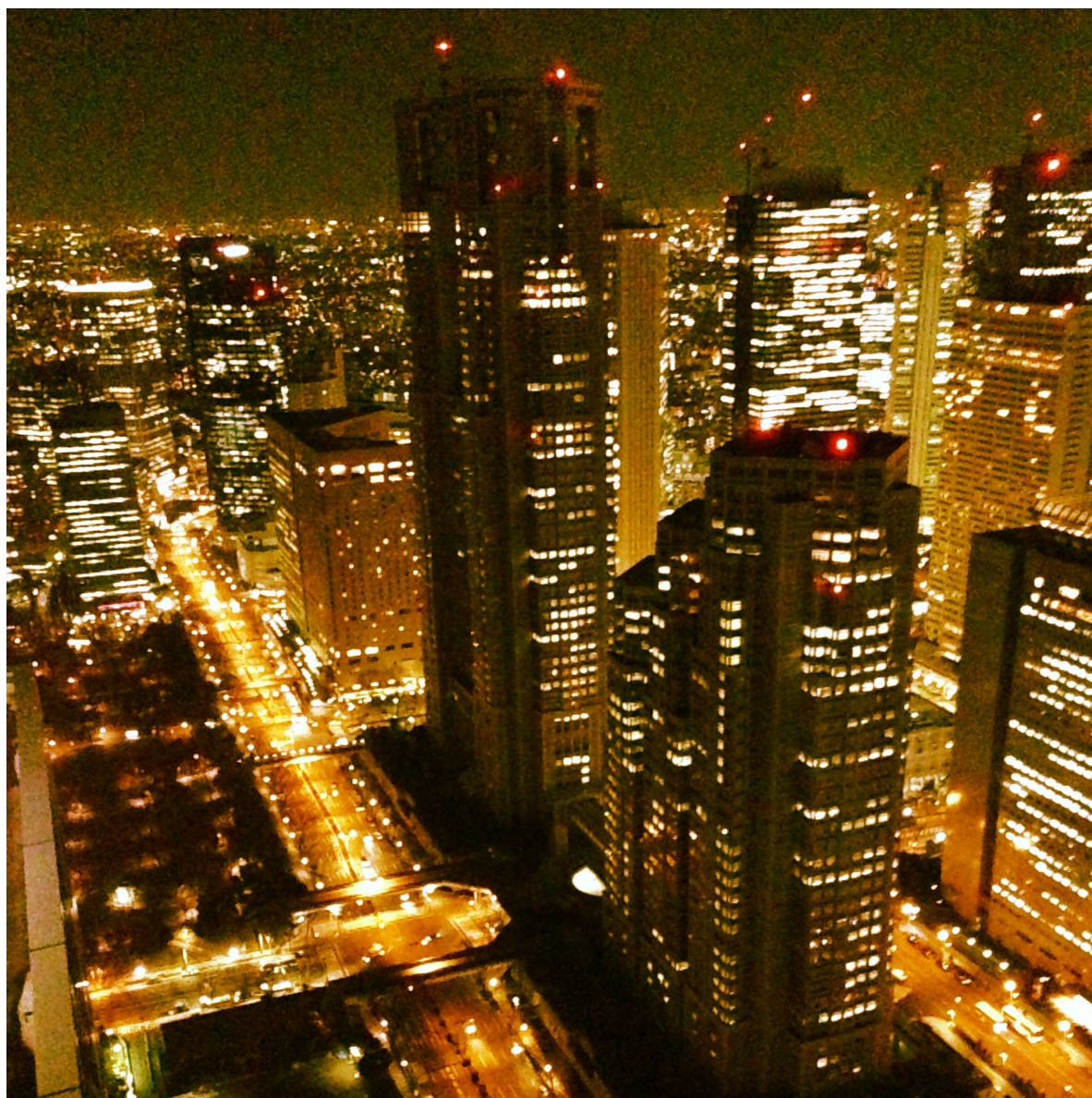
Fui descobrindo e tentando compreender o “Ma” japonês em todos os projectos do atelier em que participei, e principalmente no processo de concepção arquitectónica de Ogawa nos mesmos, mas também no meu dia-a-dia.

O “Ma” era, talvez, a palavra mais utilizada no atelier, e foi uma das primeiras que perguntei o significado. É um espaço que não existe, mas tens de o ver.

Não está antes, nem depois, está ‘entre’, está ali.



## “KAHOuhanetEMATE” 果報は寝て待て



Vista de Shinjuku, à noite (Abril 2014).

Passado quase 1 ano e após 4 mudanças de casa, a experiência chegou ao seu fim.

Existe a vontade de continuar no atelier, mas a extrema dificuldade em aprender a parte escrita da língua japonesa revela-se o maior obstáculo.

As expectativas iniciais foram largamente superadas, tanto profissional como pessoalmente.

A oportunidade de trabalhar no atelier de um grande arquitecto que muito admirava foi única, assim como todos os ensinamentos arquitectónicos, conceptuais e artísticos que dele recebi.

Diferentes abordagens, diferentes formas de trabalhar, diferentes ritmos.

Repetiram-me, inúmeras vezes, no atelier:

*“Kahouhanetemate”.*

*“Kahouhanetemate, ‘Jôâ’”.*

A expressão significa que *‘tudo de bom acontecerá àquele que, paciente mas perseverante, não interferir no rumo natural da vida, e das coisas’.*

Perante a minha (quase) impossibilidade de buscar entendimento no contexto cultural em que estava, e de descobrir uma ‘tradução’ para a sensação de não pertença daí decorrente, os meus amigos japoneses procuravam transmitir-me a sua tão característica postura nipónica, calma e crente de que, com esforço e tranquilidade, tudo acaba por terminar bem, tudo acaba por se ajustar.

E foi sobretudo isso que, para além da enorme mais-valia profissional que recebi, trouxe comigo do Japão.

A sua cultura. O seu exemplo. Descobri novas perspectivas, novas ideias, um novo mundo, e um novo olhar sobre o mesmo. O abrir de novos horizontes foi total. Como arquitecto, mas sobretudo como pessoa, como indivíduo.

E trouxe Tokyo.

Modernidade e tradição, arranha-céus e templos budistas, ordem e caos (ou vice-versa).

Espaço e falta dele, luz e escuridão, néons eléctricos e lamparinas de papel, postura e decadência, o imaculado e o burlesco, a formalidade e a desconstracção, enfim, a união na desunião, o homogéneo no heterogéneo, a identidade na diversidade. As ruas não têm nome, os edifícios têm, e os bairros são numerados. *‘Manga’*, *‘sushi’*, publicidade, salas de jogos que parecem feiras populares gigantes. Sismos. O sentimento (bom) de que olham para nós como algo estranho, ou diferente. *“Western...”*.

Bandas que tocam na rua, ‘soldadinhos’ engravatados e raparigas vestidas de bonecas.

Mas a sensação de que paira no ar uma cultura tão antiga e particular, profundamente e para sempre enraizada. Incenso. Cedros. Flores de cerejeira e *“sakuras”*. Guarda-chuvas de bambu. *“Kimonos”*.

Jardins revigorantes e lugares de verdadeira paz espiritual. E a harmonia como base de tudo, da educação extrema, do comportamento, do manter (um)a paz, do fazer segundo o que ‘deve ser’, do não marginalizar nada nem ninguém.

Tokyo é isto. E é por isso que quem chega a Tokyo, facilmente se perde, e se encontra.

Na tradução, e em tudo.

Na tradução (im)possível de nós mesmos. Na nossa própria tradução. Na nossa linha.

Foi o que me aconteceu.

Como percebo tão bem agora a Sofia Coppola.

*“Lost in translation.”*



*O Templo Senso-ji em Asakusa, à noite (Junho 2014).*

João Cepeda,  
membro OASRS 22624, candidatura ao "Prémio Architectos Agora 2015" da OASRS  
Maio 2015